A trajetória Acadêmica e Profissional dos Alunos da USP

Direção: Simon Schwartzman
Coordenação: Maria Helena Magalhães Castro

O projeto "A Trajetória Acadêmica e Profissional dos Alunos da USP" consiste em um conjunto de três pesquisas paralelas, que estão sendo desenvolvidas pelo Núcleo de Pesquisa sobre Ensino Superior da Universidade de São Paulo:

A. Estudo sobre a vida profissional dos estudantes de graduação formados pela Universidade de São Paulo nos últimos 10 anos, com uma amostra de mil entrevistados, de quatro áreas de formação selecionadas;

B. Início de um estudo longitudinal sobre a trajetória profissional dos alunos da USP, pela aplicação de questionários ao universo de alunos ingressados na Universidade em 1991, nos cursos de graduação, em quatro áreas de formação selecionadas (cerca de mil entrevistas);

C. Estudo sobre alunos e ex-alunos de pós-graduação da Universidade de São Paulo que iniciaram seus cursos nos últimos 10 anos, em quatro área selecionadas (cerca de mil entrevistas).

As entrevistas foram realizadas ao longo de 1991, e o objetivo desta série de resultados preliminares é divulgar com rapidez as análises que forem sendo feitas com os dados, para crítica e divulgação. O estudo conta com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, e tem como um dos seus objetivos contribuir para o acompanhamento do impacto sócio-econômico da Universidade de São Paulo na sociedade brasileira, dentro do acordo de cooperação BID-USP.

2. A pesquisa dos ex-alunos da USP

O ponto de partida para este estudo é examinar o que ocorre com os estudantes dos diversos cursos no momento da formatura. Para isto, utilizaremos os dados produzidos pela pesquisa junto a mil egressos de quatro cursos da USP. Nossa amostra se compõe de cerca de 250 ex-alunos de graduação da engenharia elétrica, física, ciências sociais e pedagogia, formados entre 1979 e 1989. Foram aplicados 989 questionários entre março e setembro de 1991, em sistema de entrevista pessoal. As distribuições dos respondentes pelos cursos e ano de formatura estão representadas na Tabela 1[2].

Tabela 1 – Distribuição por curso tempo de formado

	Engenharia Elétrica	Física	Pedagogia	Ciências Sociais
De 1 à 4 anos	33,0% (86)	29,4% (63)	31,6% (78)	32,9% (80)
De 5 à 9 anos	50,5% (132)	31,3% (67)	39,3% (97)	30,5% (74)
10 ano ou mais	16,5 (43)	39,3 (84)	29,1% (72)	36,6% (89)
Sem informação*	(1)	(6)	(3)	(14)
Total	100% (262)	100% (220)	100% (250)	100% (257)

*Excluídos do cálculo percentual.

Começamos por reconstituir a situação ocupacional que tinham no momento da formatura para em seguida analisar o impacto do curso e do diploma sobre os rumos que tomaram a partir deste momento. Em um segundo momento, passaremos ao tempo presente, 1991, e aí analisaremos algumas dimensões do "resultado profissional" do investimento educacional, a partir, principalmente, do salário e das características (competências, responsabilidades) das funções que desempenham. Interessa-nos, em particular, responder às seguintes indagações: o que os ex-alunos da USP estão fazendo? Onde trabalham, o que fazem, quanto ganham? Há desempregados entre eles? Há diferenças significativas entre homens e mulheres? E entre os diferentes cursos e habilitações? Será que o diploma da USP propicia o acesso a carreiras profissionais bem delineadas, ou constitui uma credencial de utilidade muito mais ampla ou, quem sabe, de utilidade duvidosa?

[2] Para uma apresentação geral dos dados dos egressos, veja S. Schwartzman, *Uma Universidade, Várias Trajetórias,* NUPES, A Trajetória Acadêmica e Profissional dos Alunos da USP, Análises Preliminares 1/91.

3. A formatura: vida nova, ainda falta, ou nada muda?

Iniciemos por uma caracterização sócio-econômica e demográfica geral da amostra. Como a Tabela 2 revela, a engenharia elétrica e a física são cursos de alunado eminentemente masculino, ao passo que a pedagogia e as ciências sociais são eminentemente femininos. As formandas em ciências sociais constituem o grupo que concentra maior incidência de pais e mães de nível superior e de estudantes educados na rede de ensino particular. Já os egressos da física e da pedagogia dividem a posição oposta: as da pedagogia concentram as famílias de menor nível educacional e os da física, o maior número de estudantes provenientes da rede pública. A idade média de formatura dos engenheiros é cerca de dois anos menor do que a das pedagogas, embora o curso de engenharia tenha duração mais longa. O número de engenheiros casados na época da formatura era muito menor do que o das demais carreiras.

Tabela 2 – Indicadores demográficos e sócio-econômicos

	Engenharia Elétrica	Física	Pedagogia	Ciências Sociais
Mulheres	6,1 (16)	23,6%	96,8%	67,7%
Homens	93,9%	76,4%	3,2%	32,3%
Idade média com que se formaram	23,2 anos	26,8 anos	25,4 anos	26,1 anos
Tempo média de duração do curso	5,3 anos	6,0 anos	4,7 anos	5,8 anos
Casados quando se formaram	2,7	15,6%	17,8%	23,4%
Educação de primeiro e segundo grau:				
Ambas em escolas particulares	39,3%	29,3%	39,8%	46,8%
Primeiro grau em escola pública e segundo grau em particular	14,4%	15,9%	14,1%	13,9%
Ambas em escolas públicas	41,3%	54,8%	46,1%	39,2%
Educação dos pais				
Ambos com nível superior	14,8%	12,6%	10,8%	22,7%
Pais com nível superior	27,1%	23,1%	21,1%	22,7%
Ambos sem nível superior	58,1%	64,3%	68,1%	54,%5

Ao se formarem, quase a metade dos entrevistados (45,6%) estava trabalhando, e um número ainda maior (86,1%) já havia trabalhando antes de se formar. Este trabalho declarado, entretanto, nem sempre correspondia a uma posição com vínculo empregatício permanente, nem à profissionalização na área do curso (Tabela 3).

Tabela 3 – Atividade profissional antes e na época da formatura

	Engenharia Elétrica	Física	Pedagogia	Ciências Sociais	Total
Trabalharam em algum momento antes de se formar	80,5%	86,6%	91,9%	85,8%	86,1%
Na época da formatura:					
Estavam trabalhando	14,6%	40,2%	75,2%	53,0%	45,6%
Estavam em estágio remunerado	61,7%	11,4%	5,2%	10,9%	23,0%
Não estavam trabalhando	23,7%	48,4%	19,6%	36,1%	31,4%
Total (100%)	(261)	(219)	(250)	(257)	(987)
Dos que estavam trabalhando:					
Trabalhavam na área do curso	52,6%	36,4%	61,7%	15,5%	42,0%
Trabalhavam fora da área do curso	47,4%	63,6%	38,3%	84,5%	58,0%
Total (100%)	(38)	(88)	(188)	(136)	(450)
Dos que estavam estagiando:					
Foram contratados ao se formar	85,1%	56,0%	61,1%	53,5%	76,6%
Não foram contratados ao se formar	14,9%	44,0%	38,9%	46,5%	23,4%
Total (100%)	(161)	(25)	(13)	(28)	(227)

A situação profissional dos respondentes no momento da formatura era muito diferenciada conforme os cursos que estavam concluindo. Estágios eram obrigatórios para os formandos em engenharia e em pedagogia, mas tiveram significado muito diferente em cada caso. Mais da metade dos formandos em engenharia elétrica, mas somente 5,2% das

estes dados: 210 (21,2%) continuaram a estudar, 847 (85,8%) foram trabalhar e 33 (3,3%) nem estudaram, nem trabalharam.

Tabela 4 – O que fez quando se formou?

	Engenharia Elétrica	Física	Pedagogia	Ciências Sociais	Total
Continuou só estudando	1,9(5)	33,3 (73)	1,2 (3)	10,1 (26)	10,8 (107)
Trabalhou e estudou	4,6 (12)	12,3 (27)	13,6 (34)	11,7 (30)	10,4 (103)
Só trabalhou	93,5 (244)	52,5 (115)	81,2 (203)	70,8 (182)	75,4 (744)
Inativos		1,8 (4)	4,0 (10)	7,4 (19)	3,3 (33)
Total	261	219	250	257	987

a. Os que continuaram a estudar

Duzentos e dez formandos (21% da amostra total) não encararam o diploma de graduação como título ou formação terminal. Eles continuaram a sua educação, a metade conjugando estudos com trabalho, e a outra metade continuando a estudar exclusivamente (Tabela 4). A grande maioria dos que continuaram seus estudos encaminhou-se diretamente para a pós-graduação, mas este predomínio é muito menor na engenharia, e se transforma em minoria na pedagogia. Nestas áreas mais profissionais, habilitações específicas (cursos de especialização e aperfeiçoamento, ou pós-graduação *lato sensu*) são tão ou mais atraentes do que mestrados e doutorados; e mesmo assim, só chegaram a atrair minorias pouco significativas dentre as pedagogas e os engenheiros recém-formados. Estes dois grupos preferiram, claramente, o engajamento exclusivo na atividade profissional. Embora o percentual de formandas em ciências sociais que continuam a estudar seja duas ou mais vezes maior do que o das pedagogas e engenheiros, este dado tampouco impressiona: mais de três-quartos das cientistas sociais também se encaminharam para o mercado de trabalho, exclusivamente (Tabela 5).

Tabela 5 – Atividades dos que continuaram os estudos depois da formatura

	Engenharia Elétrica	Física	Pedagogia	Ciências Sociais	Total
Pós-graduação	58,8%	90,0%	35,1%	60,7%	70,0%
Outros estudos	41,2%	10,0%	64,9%	39,3%	30,0%
Total (100%)	17	100	37	56	210

Notável é o padrão dos formandos da física; quase a metade (100 casos, Tabela 4) continuou na universidade depois de concluir o curso, 90% dos quais em pós-graduação (Tabela 5) e boa parte destes (73 casos), dedicaram-se exclusivamente a estes estudos (Tabela 4)[3]. A Física no Brasil tem sido tradicionalmente uma área de pesquisa básica, sem alternativas profissionais claras fora da academia. Entretanto, o setor industrial já começa a absorver físicos para posições que vinham sendo ocupadas por engenheiros[4], especialmente físicos com especializações em novos materiais (física da matéria condensada) e em mensuração e controle de radioatividade (física médica, física nuclear), que são oferecidas em nível de mestrado pela USP. Com isso, a permanência dos concluintes na universidade pode estar associada tanto à falta de alternativas profissionais imediatas, quanto ao interesse em seguir a carreira científica ou, ainda, em obter as novas especializações que começam a ser bem remuneradas mo mercado profissional não-acadêmico, e que requerem formação pós-graduada.

As formandas em ciências sociais se parecem aos físicos na indefinição de mercado profissional; no entanto, o contingente das que permanecem na universidade é inferior à metade do contingente da física. Isto pode estar relacionado com o fato de que a pós-graduação em física parece ser um caminho aberto para uma profissionalização mais nítida do que aquela obtida em nível de graduação, o que não ocorre para as ciências sociais.

Finalmente, é interessante notar que muitos daqueles que interromperam sua educação com a formatura para dedicar-se exclusivamente à vida profissional acabaram voltando para a universidade mais tarde, em busca de um título de pós-graduação. Os dados da Tabela 6

[3] Na realidade a proporção deve ser ainda maior, porque a amostra excluiu os formados que ingressaram na pós-graduação em física nuclear, que fez parte da pesquisa dos alunos de pós-graduação, deste mesmo projeto.
[4] A Comissão e Apoio Profissional (CAP) do Instituto de Física da USP vem realizando levantamentos de trajetória profissional de seus ex-alunos e vem colhendo indícios de que físicos disputam posições tradicionalmente ocupadas por engenheiros no setor industrial.

revelam que a maioria dos que buscaram a pós-graduação nas áreas de ciências sociais, engenharia e pedagogia só o fizera depois de um período de experiência no mercado de trabalho.

Tabela 6 – Quando entraram na Pós-Graduação

	Engenharia Elétrica	Física	Pedagogia	Ciências Sociais	Total
Imediatamente após a formatura	3,9%	41,4%	4,4%	13,2%	14,8% 146
Algum tempo depois	16,8%	28,6%	10,4%	24,1%	19,7% 195
Não buscou a pós-graduação	79,3%	31,0%	85,2%	62,7%	65,5% 648
Total (100%)	(262)	(220)	(250)	(257)	(989)

Como se pode notar, a física continua fugindo ao padrão das demais áreas: é o único grupo onde só uma minoria dos formados (31%) não buscou a pós-graduação e é o único grupo onde a maioria dos que entraram na pós-graduação (91 casos ou 67,7% dos 154 que entraram) o fez imediatamente após a formatura.

b. Os que foram trabalhar

Entre os 85,8% da amostra que foram trabalhar ou continuaram trabalhando quando se formaram, encontramos três situações principais: os que não estavam trabalhando e ingressaram em novos empregos; os que estavam trabalhando e continuaram no mesmo emprego; e os que trabalhavam e mudaram de emprego ou área de atuação depois da formatura. A Tabela 7 registra as respostas sobre o "primeiro trabalho depois da formatura" definido como "a atividade profissional principal no segundo semestre depois da formatura". Em outras palavras, as respostas se referem ao período entre 6 meses a um ano depois da graduação.

Tabela 7 – Situação dos que trabalhavam no segundo semestre depois da formatura

	Engenharia Elétrica	Física	Pedagogia	Ciências Sociais	Total
Conseguiram 1° emprego	19,5%	13,4%	8,0%	14,2%	13,9%
Voltaram a trabalhar	1,2%	2,8%	4,2%	4,2%	3,1%
Mudaram de trabalho	16,0%	17,6%	16,0%	16,5%	16,4%
Continuaram no mesmo trabalho	63,3%	66,2%	71,7%	65,1%	66,6%
Total (100%)	(256)	(142)	(237)	(212)	(847)
% em relação ao total da amostra	98,1%	64,8%	94,8%	82,5%	85,8%

Ao contrário do antigo estereótipo do jovem recém-formado, a grande maioria dos formandos entrevistados não só já trabalhava, como permaneceu no mesmo trabalho, pelo menos no decorrer do primeiro ano depois da formatura. O número dos formandos que só foram iniciar sua vida profissional a partir da formatura corresponde a apenas 13,9% dos casos. Tal situação foi praticamente inexistente entre as pedagogas e, mesmo entre os engenheiros, ela não chegou a somar 20% dos casos (Tabela 3).

Quanto ao outro estereótipo, o de que o jovem formando se profissionaliza na área do curso que acaba de concluir, verificamos que embora uma maioria de 66,2% tenha trabalhado na área do curso logo depois da formatura, 52,5% das cientistas sociais continuaram ou foram trabalhar fora da área do curso e 38% dos físicos que foram trabalhar, também se empregaram em outras áreas (Tabela 8). O resultado mais interessante, contudo, é que os engenheiros formam o grupo onde houve maior incidência de formandos indo trabalhar fora da área do curso.

Tabela 8 – A formatura: mudanças e continuidades da situação profissional em relação à área de estudos

	Engenharia Elétrica	Física	Pedagogia	Ciências Sociais	Total
Continuou trabalhando na área do curso	62,7%	49,6%	74,3%	33,0%	56,5%
Foram trabalhar na área do curso	6,6%	12,4%	7,4%	14,5%	9,7%
Foram trabalhar fora da área do curso	16,8%	9,3%	5,7%	8,5%	10,3%
Continuou trabalhando fora da área do curso	13,9%	28,7%	12,6%	44,0%	23,4%
Sem informação*	1			2	44
Total (100% dos que foram trabalhar)	256	142	237	212	847

* Excluídos do cálculo percentual

No Gráfico 3 visualizamos melhor a distribuição dos formandos entre as ocupações dentro e fora da área dos estudos. É interessante notar que, embora físicos e engenheiros se distingam fortemente quando se considera os que continuam ou não a estudar, não há uma diferença muito grande entre eles, quando se compara os que foram trabalhar logo após se formarem. As cientistas sociais, por fim, constituem o único grupo onde a maioria trabalha fora da área do curso.
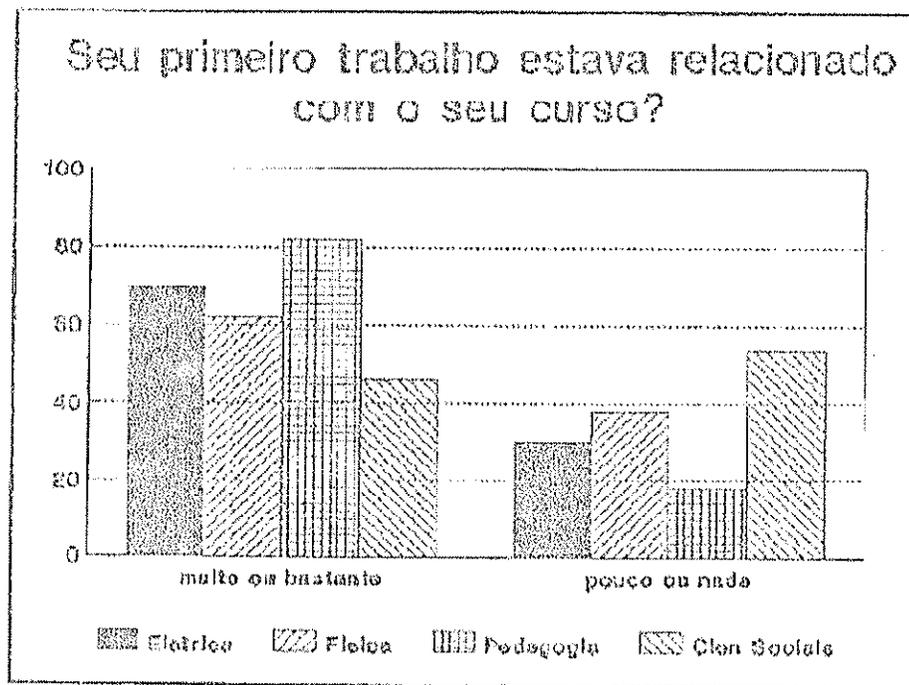
Gráfico 3

Os que ingressaram ou reingressaram no mercado de trabalho

Este grupo inclui os 118 que nunca haviam trabalhado e os 26 que já tinham tido experiência profissional e reingressaram, naquele momento, no mercado de trabalho (duas primeiras categorias da Tabela 7). O impacto do diploma aqui pode ser medido pelo nível de dificuldade que enfrentaram para encontrar trabalho.

Tabela 9 – Tempo de procura de trabalho

	Engenharia Elétrica	Física	Pedagogia	Ciências Sociais	Total
Imediato	55,6%	47,8%	34,5%	31,6	43,8%
1-3 meses	31,5%	43,5%	48,3%	42,1%	42,1%
3 meses a 1 ano	13,0%	8,7%	17,2%	26,3%	16,7%
Total (100%)	(54)	(23)	(29)	(38)	(144)

Embora o número total de casos seja relativamente pequeno, os resultados não deixam de ser significativos: se somarmos as médias das duas primeiras categorias da Tabela 8, temos que 85,9% deste grupo ingressou em novos empregos nos primeiros três meses depois da formatura, e que ninguém levou mais de um ano para encontrar trabalho. Como seria de se esperar, foram os engenheiros os que experimentaram maior facilidade aqui também. Pedagogas e cientistas sociais são as que mais dificuldades encontraram e, mesmo assim, mais de dois terços deste grupo também encontrou trabalho nos primeiros três meses depois da formatura.

Os que continuaram no mesmo trabalho

Temos nesta categoria 564 formandos, ou quase 67% dos que trabalharam depois de se formarem (Tabela 7). Cerca de um terço deste grupo corresponde a estagiários que continuaram na mesma instituição porque foram contratados ao se formar. É de presumir que tenham experimentado uma promoção significativa, i. é., que a contratação tenha não só significado uma melhoria de status na instituição como uma promoção salarial; este é o caso da grande maioria de engenheiros. O investimento na formação superior, neste caso, já começa a produzir resultados nos dois últimos anos de curso, quando propicia o acesso aos estágios remunerados, que constituirão o primeiro emprego para mais da metade dos formados nesta área.

Tabela 10 – Situação dos que continuaram no mesmo trabalho

	Engenharia Elétrica	Física	Pedagogia	Ciências Sociais	Total
Mesma situação	8,1%	59,6%	55,9%	65,9	45,3%
Melhoria salarial	1,2%	8,5%	17,6%	7,2%	8,9%
Promoção funcional	5,6%	17,0%	21,8%	15,9%	14,9%
Estagiário efetivado	85,1%	14,9%	4,7%	10,9%	30,9%
Total (100%)	(161)	(94)	(170)	(138)	(593)
% em relação à amostra total	61,4%	42,7%	68,0%	53,6%	59,9%

Além disso, se somarmos a percentagem dos que obtiveram promoção funcional à dos que obtiveram melhoria salarial, teremos mais 23,8% onde houve um impacto positivo do diploma. Somando-se a estes o contingente de estagiários efetivados, ficamos com 54,7% de egressos que continuaram no mesmo emprego e experimentaram melhoria em suas situações quando se formaram.

Vejamos então quantos destes recém-formados estavam em empregos sem relação com a área de seus estudos. Este dado indicaria situações em que o diploma estaria servindo para a promoção em carreiras profissionais prévias, mas sem maior relação com o curso superior concluído. A Tabela 11 revela que tais casos não chegam a um terço. A grande maioria dos entrevistados conseguiu conjugar as áreas de atuação de seus trabalhos com as dos cursos que concluíram[5].

Tabela 11 – Relação do trabalho com os estudos entre os promovidos

	Engenhari a Elétrica	Física	Pedagogia	Ciências Sociais	Total
Relacionado	83,3%	54,1%	88,2%	43,7%	71,8%
Não relacionado	16,7%	45,9%	11,9%	56,3%	28,2%
Total (100% dos que obtiveram promoção continuando no mesmo emprego)	12	24	68	32	136

Os números são pequenos, mas suficientes para indicar, uma vez mais, o contraste entre os cursos mais profissionais e os mais acadêmicos. A incidência de casos onde o diploma pode ter tido um significado genérico – desvinculado do tipo de formação adquirida – é várias vezes maior no caso das ciências sociais e da física, do que no da pedagogia e engenharia. Na verdade, 56,3% das promoções obtidas pelas formandas em ciências sociais e 45,9% das obtidas por formandos da física se deram em empregos que, segundo eles próprios, não estavam relacionados com a área do curso.

Não é à toa, que a permanência no mesmo trabalho parece ser uma contingência mais típica das áreas profissionais do que das acadêmicas: há uma diferença que chega a 25 pontos percentuais entre os 42,7% dos físicos e os 68% das pedagogas que permaneceram no mesmo

[5] A tabela exclui os estagiários efetivados, já que o objetivo é o e identificar a incidência de estudantes-trabalhadores (já com empregos efetivos) para os quais o diploma serviu para promoção em trabalhos não relacionados com os estudos, ao invés de servir como acesso à profissionalização na área do curso.

trabalho depois da formatura. Engenheiros e pedagogas já estavam, maciçamente, atuando em suas áreas de estudo, ao passo que a maioria dos físicos e uma significativa parcela das cientistas sociais tinham tomado outros rumos, continuando os estudos, mudado de emprego, ou não estavam trabalhando quando se formaram. Para os engenheiros, mais jovens, a formatura significa principalmente a transformação do estágio em emprego efetivo, com os benefícios decorrentes. Para as pedagogas, já trabalhando, a formatura significa em muitos casos a promoção a uma posição melhor, relacionada com os tipos de habilitação oferecidas pelo curso; habilitações para posições não-docentes, como as de supervisão e administração escolar, orientação educacional, etc.

As cientistas sociais, por fim, compõem o grupo para o qual a permanência no mesmo trabalho depois da formatura foi menos compensadora: para 65,9% dos casos, o diploma não teve qualquer impacto. Isto está, certamente, associado ao fato de constituírem o grupo mais disperso em atividades pouco ou nada relacionadas com a área de formação.

Os 255 casos (45,5%) de formandos que permaneceram no mesmo trabalho e não experimentam-se qualquer melhoria com a formatura são, no mínimo, intrigantes. Porque não mudaram de emprego no decorrer do primeiro ano depois da conclusão do curso? Quantos destes eram pessoas que continuaram a ter nos estudos a atividade principal? Quantos desses recém-formados tinham outros interesses mais importantes do que o trabalho? Que interesses seriam esses? Será que a situação do mercado profissional estava tão difícil que nem o investimento de tempo e de recursos[6] em quatro ou cinco anos de estudos na USP foi suficiente para proporcionar qualquer retorno para a vida profissional desses estudantes-trabalhadores? Será que não pretendiam se valer da formação e diploma adquiridos para alterar a situação profissional? Quantos já eram donos do próprio negócio? A Tabela 12 apresenta as freqüências dos que continuaram estudando e, talvez, a ter nos estudos sua atividade principal; dos que já eram donos ou sócios de seus próprios negócios – o que também é o caso dos autônomos; e, por fim, os recém-casados. Os resultados são pouco significativos e não resolvem a questão.

[6] Embora a USP seja pública e gratuita, seus estudantes (mesmo os estudantes-trabalhadores do turno noturno) deixam de assumir responsabilidades profissionais ou de obter rendimentos maiores (de um segundo emprego, por ex.) por não disporem do tempo que é dedicado aos estudos.

principalmente no acesso ao magistério (dentro da área de formação) e não às carreiras mais técnicas e de maior prestígio social que suas áreas de formação também oferecem, em maior ou menor grau.

A Tabela 14 registra a distribuição dos dois subgrupos que não experimentam qualquer melhoria no primeiro ano depois da formatura – os que trabalhavam na área do curso e os que trabalhavam em outras áreas – por tipo de atividade desempenhada.

Tabela 14 – Atividades dos que não experimentam melhoria com formatura

	Na área do curso	Em outra área
Magistério	62,0%	17,5%
Ensino superior/pesquisa	12,1%	5,3%
Serviços técnico profissionais	6,0%	15,0%
Indústria	6,0%	8,8%
Serviços de utilidade pública	4,2%	8,0%
Setor financeiro	0,7%	15,0%
Comunicações de massa	1,4%	8,8%
Aulas particulares	2,8%	5,3%
Artes/cultura	---	4,4%
Outros setores	6,0%	11,4%
Total (100%)	(141)	(114)

Enquanto que os que declaram estar na área do curso apresentam uma distribuição bastante concentrada no magistério de 1° e 2° graus (62%), os demais se dispersam completamente: o máximo de agregação fica em torno de 15-17% dos casos. Duas interpretações preliminares da ausência de impacto do diploma nestes casos seriam: a de que, exatamente por estarem atuando fora de suas áreas de formação, nem o curso nem a formatura teriam um impacto imediato sobre a situação ocupacional; e a de que profissionalização na área do curso, a promoção funcional e aumento de responsabilidades profissionais não eram preocupações para muitos destes casos.

Estes dados confirmam algo que já se sabe, mas que aparece aqui de forma bastante dramática: o magistério de 1° e 2° graus não oferece, no Brasil, uma perspectiva de carreira,

de crescimento profissional acompanhado de reconhecimento e prestígio social. Uma vez nesta atividade, pouco se pode esperar, e o diploma parece servir mais para garantir empregos do que para propiciar ascensão.

Os que mudaram de trabalho

Temos aqui um grupo que é, ao mesmo tempo, bastante pequeno (130 casos) e bastante heterogêneo, porque inclui casos de mudanças de emprego com todos os resultados possíveis (melhoria, piora pode ter significado mudanças de área de atuação[8]).

Tabela 15 – Situação dos que mudaram de trabalho

	Engenharia Elétrica	Física	Pedagogia	Ciências Sociais	Total
Cargo melhor	55,1%	37,2%	15,8%	27,8%	31,5%
Cargo equivalente	36,7%	44,2%	68,4%	50,0%	52,3%
Cargo pior	---	2,3%	2,6%	1,9%	1,8%
Total (100%)	(45)	(36)	(66)	(43)	(190)
Passaram a trabalhar por conta própria	4	10	10	11	32
Total geral	49	43	76	54	222

Mudar de trabalho depois de formado significa, usualmente, uma situação melhor para engenheiros e físicos, mas na maioria dos casos uma perda, ou nenhuma mudança, para cientistas sociais e educadoras. Passar a trabalhar por conta própria é uma alternativa para uns poucos, mas não significa necessariamente uma melhoria. O Gráfico 4 resume as diferentes estratégicas profissionais dos que foram trabalhar depois de formados. Engenheiros e pedagogas têm mais chances de melhorar quando permanecem no mesmo trabalho, enquanto que físicos e cientistas sociais têm melhores chances quando buscam novas colocações. Mas as chances são muito diferentes: os engenheiros, de uma forma ou de outra, sempre melhoram, enquanto que os demais, na maioria dos casos, ou permanecem como estão, ou pioram ainda mais sua situação.

[8] Este grupo, que foi trabalhar por conta própria, foi excluído do cálculo das percentagens da Tabela 15 já que não implica, necessariamente, em melhora ou piora da situação profissional.
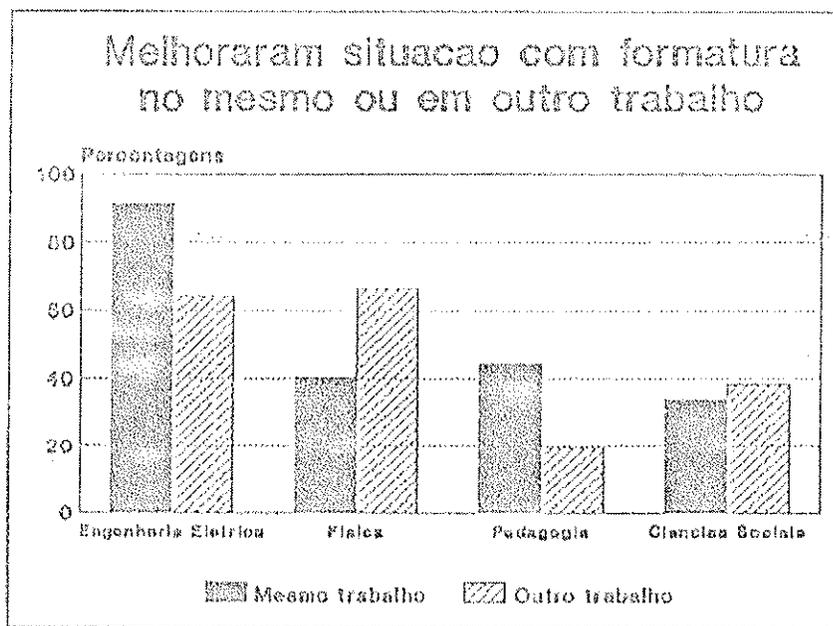
Gráfico 4

4. Conclusões

Esta análise mostra que a área de formação explica variações importantes de comportamento dos egressos por ocasião da formatura. As principais descobertas foram a retenção físicos na universidade, indicando que para a metade desses formandos a graduação não é o início da vida profissional; a importância dos estágios para os engenheiros, que os encaram, justificadamente, como via fundamental de acesso às suas primeiras posições profissionais; a precariedade da área do magistério (para todos que nela se engajam, não apenas as pedagogas); as poucas alternativas de melhoria profissional das pedagogas e; por fim, a dispersão das cientistas sociais no mercado de trabalho. Em torno de 85% delas trabalhavam fora da área quando se formaram (Tabela 3) e a maioria continuou fora da área depois da formatura (mudando ou não de emprego). Além disso, elas compõem o grupo que auferiu os menores benefícios com a obtenção do diploma.

A visão tradicional a respeito do estudante universitário só se confirmou para o caso dos engenheiros. A grande maioria dos entrevistados já possuía experiência profissional no momento da formatura, e um número significativo não toma a graduação como etapa final de qualificação, continua a estudar e, quando trabalha, freqüentemente não atua na área de formação.

As pedagogas já chegam profissionalizadas na universidade e a utilidade do diploma para a maioria delas, no primeiro ano depois da conclusão do curso, parece se limitar a assegurar o emprego que já têm. Embora o diploma as habilitem para funções não-docentes (técnicas, administrativas ou de direção) as oportunidades de obterem as promoções funcionais compatíveis só surgiram para uma minoria, no decorrer do período em análise.

A amostra de físicos é a mais intrigante pela diversidade de comportamentos que engloba: uma metade vai para o mercado de trabalho e a outra metade permanece na universidade por razões variadas, que vão da falta de perspectivas de emprego não-acadêmico até a genuína vocação para a carreira científica. Tanto os físicos quanto as cientistas sociais parecem constituir grupos muito mais heterogêneos do que os de engenheiros e pedagogas.

Verificamos também que, em todas as áreas, um número expressivo de egressos volta à universidade em busca de títulos de pós-graduação. Se outros formatos de especialização e aperfeiçoamento existissem, talvez voltassem com maior intensidade, ou por um maior número de vezes.

Em suma, a formatura inaugura vida nova para os jovens engenheiros, ainda não o faz para os físicos que continuam a estudar e pouco muda para as pedagogas e, principalmente, para as cientistas sociais.